

**TRAJETÓRIAS E PERMANÊNCIAS DO AFRICANO/ESTUDANTES
GUINEENSES NA “TERRA DA LUZ”, FORTALEZA - CEARÁ.**

Renata Maria Franco Ribeiro
E-mail: soudebissauafrica@outlook.com

INTRODUÇÃO

O estudo analisou as vivências, os dilemas, os conflitos, as relações étnico-raciais no lugar de “acolhimento” dos chamados “novos moradores”, em Fortaleza-Ce, cidade com forte presença africana.

A realidade encontrada em Fortaleza foi bastante diferente imaginada por esses imigrantes estudantes, que saíram da Guiné-Bissau, motivados pela propaganda de obtenção de um diploma de Ensino Superior pelas Faculdades Fatene e Evolução e por seus familiares.

Foi nossa preocupação entender como eles interagem no cenário acadêmico, com a falta de apoio sócio-pedagógico e o desconhecimento sobre a África, em Fortaleza, suas inserções culturais, nos espaços sociais para construção de novas relações e possibilidades de integração na chamada “Terra da Luz”.

O discurso oficial nega a presença do negro no Ceará, segundo dados do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), de fomento à pesquisa no Brasil. Apesar de Brasil e África estarem ligados pela história, pela cultura e pela religião, a presença do negro no Ceará é “invisibilizada”, em decorrência de uma falsa memória coletiva do mito da democracia racial (MUNANGA, 2004, p. 37).

Há que considerar que milhões de anos atrás (aproximadamente entre 136 milhões e 65 milhões de anos), o Brasil e a África faziam parte de uma única massa continental (RIBELO, 2011). Essa massa continental contínua foi denominada de Pangeia, que foi traduzido do grego para o português como “toda a terra”.

A antiga ponte geográfica, hoje separada pelo Oceano Atlântico, deixou marcas na formação do Brasil. A presença africana no ciclo do açúcar, de café e do ouro, em meados do século XVI e início do século XVIII, além de gerar riquezas substanciais para o desenvolvimento econômico do Brasil colonial e pós-colonial, juntou índios, portugueses, emigrantes asiáticos, judeus e árabes, de diversas origens culturais, num

único espaço de encontro e manifestações civilizacionais no processo de produção e reprodução das relações entre o Brasil e a África, a Europa e a Ásia.

No caso da nossa pesquisa, procurou-se entender quais os critérios para a escolha do curso e cidade de destino. O que motivou esses estudantes a vir para o Brasil? Como são recepcionados? Que realidades encontraram ao desembarcarem em Fortaleza? Que estratégias criaram, em face de integração e adaptação nesse cenário? Que perspectivas tecem para o retorno à terra natal? São questões que nortearam nosso olhar no desenvolvimento da pesquisa de campo, em Fortaleza.

MEDODOLOGIA

Neste trabalho, a metodologia empregada consistiu principalmente em procedimentos adotados na pesquisa qualitativa em Humanidades, utilizando recursos metodológicos combinados, quais sejam: a prática da etnografia, no âmbito da disciplina antropológica, a partir da convivência da pesquisadora junto aos estudantes guineenses, objeto da nossa pesquisa.

A pesquisa etnográfica consiste no exercício do olhar e do escutar que coloca à pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se colocar no interior do fenômeno por ela observada (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000). Isso porque toda a pesquisa se coloca dentro de um contexto, daí, a necessidade da vigilância epistemológica. Tal vigilância precisa considerar também a necessidade de rupturas epistemológicas, a partir dos sentidos reflexivos da trajetória dos sujeitos sociais (BOURDIEU, 1999). No caso da nossa pesquisa, buscamos entender as trajetórias e permanências de estudantes guineenses em Fortaleza/CE, segundo suas visões.

Foram entrevistados 40 estudantes, mas selecionamos para análise apenas 11 entrevistas. As entrevistas foram realizadas em dois períodos: de agosto de 2011 a junho de 2014 e de maio de 2015 a Março de 2016. A idade dos entrevistados varia de 20 a 37 anos; mais homens do que mulheres estudantes.

A Pesquisa acerca das trajetórias dos sujeitos sociais, processos de integração, estratégias de adaptação, sociabilidade, integração nos espaços acadêmicos e lugar de acolhimento, só pode ser devidamente captada por meio da pesquisa qualitativa. Como Minayo afirma, o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo, pois a realidade é dinâmica e cheia de sentidos. (MINAYO, 1994, p.15).

Foi a partir dessa percepção, baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que traçamos nossos objetivos da pesquisa e análise, a fim de compreender os sentidos que os estudantes atribuem a suas trajetórias acadêmicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os africanos presentes em Fortaleza, hoje, vieram ao Brasil por diversos motivos: procura da proteção do Estado brasileiro, trabalho, refúgio, estudo nas universidades brasileiras, alguns no quadro de cooperação Brasil/África. Segundo a Divisão de Temas Educacionais (DCE), órgão Federal do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, MRE, ideia da criação de um Programa de Governo para amparar estudantes de outros países adveio do incremento do número de estrangeiros no Brasil, já nos princípios de 1960, bem como das consequências que este fluxo trouxe para a regulamentação interna do status desses estudantes no Brasil.

As vagas são gratuitas e as condições a serem atendidas pelos candidatos às vagas são: conclusão do ensino médio; atualmente, aplicam-se provas de proficiências para estudantes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP); comprovantes de capacidade de custeio de despesas advindas da manutenção no Brasil (alimentação, moradia, transporte, etc.) durante todo o período do curso no país, segundo Assessoria de Assuntos Internacionais (INT).

Segundo Tcham (2012), convém ainda ressaltar em relação ao contexto migratório europeu, para fins estudantis:

No contexto europeu, a circulação internacional para fins de estudos está presente desde a Idade Média. No contexto africano, a circulação dos alunos das escolas corânicas, os chamados marrabus (anciões), remonta ao século XVII e marca uma das primeiras formas de mobilidade de pessoas com fins de estudos na África. No plano econômico, a partir do governo Luís Inácio Lula da Silva, ocorreu uma redefinição da diplomacia brasileira nas suas relações com os países africanos (TCHAM, 2012, p.04).

Na esfera política e diplomática, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) ampliou os interesses do Brasil na África, colocando-os em novas bases, novos conceitos, expandindo fronteiras de cooperação como parte de uma nova estratégia global. No campo econômico, o Grupo dos 20, criado em dezembro de 1999 por países das economias mais avançadas, com o objetivo de fortalecer negócios

internacionais, revelou um novo papel às economias em desenvolvimento na nova conjuntura global.

O discurso de “dívida histórica” e afinidades étnicas do Brasil para com a África deixam de ser meramente econômicos e articula a dimensão cultural. A diplomacia cultural passa a ser um instrumento da política externa. A ênfase na presença africana no Brasil, empreendida pelo governo, também leva em consideração a promoção da cultura brasileira na África: música, novela, desporto, turismo, carnaval, samba, culinária, técnicas, saberes e tecnologias como instrumentos políticos estratégicos do governo.

Por outro lado, a língua portuguesa, apesar de diferenças lexicais em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, tem sido um diferencial nessa nova articulação nas relações entre o Brasil e a África. Ao propor à cultura, a história, a língua, a etnia, o governo Lula “fixa um novo sentido” na relação com a África, como uma questão de “reconhecimento histórico” na formação atual do Brasil. (SUBUHANA, 2005).

O esforço do governo Luiz Inácio Lula da Silva, em defesa da cooperação Sul/Sul, refletiu-se em diversos arranjos nos quais o Brasil passou a participar a partir de 2003 (sendo os principais o grupo BRICS, que congrega Rússia, Índia, China e África do Sul; o Fórum de Diálogo Brasil, Índia e África do Sul, IBAS; a Iniciativa América do Sul-África, ASAS; a Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa, CPLP); entre outros fóruns multilaterais criados ou ampliados com vista a estabelecer parcerias e conectar experiências numa estratégia conjunta e salutar de “cooperação solidária” multicultural.

A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pela Lei nº 12.289, de 20 de junho de 2010, vinculada ao Ministério da Educação, no Maciço do Baturité, na cidade de Redenção, no Estado do Ceará, tem sido um espaço de conexões de conhecimento sobre Brasil e África com o objetivo de produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e educacional, notadamente com países africanos de Língua Oficial Portuguesa.

No entanto o grupo pesquisado foi motivado a vir para o Brasil-Ceará por propaganda feita na Capital Bissau, em 2008, pelo estudante guineense, então Presidente da Associação de Estudantes Guineenses no Ceará (AEGB-CE), e o brasileiro, diretor da Faculdade da Evolução, um dos idealizadores da propaganda da Faculdade na Guiné-Bissau. Realizaram um processo seletivo que consistia em prova de conhecimentos gerais: Língua Portuguesa, Matemática e Redação, segundo os entrevistados. A

simulação das despesas se deu em torno de 40 Mil francos CFA, moeda corrente na Guiné-Bissau e países da região da África Ocidental. O câmbio varia, em torno de US\$ 100, em despesas com papelada.

No caso das Faculdades privadas (FATENE) e (EVOLUÇÃO), muitos encontraram em Fortaleza uma grande oportunidade de morar no exterior, no entanto com falsas garantias, de acolhimento acadêmico que pudesse facilitar o processo de integração, além de elevados custos com mensalidades e demais despesas.

Nosso interlocutor, graduado em Tecnologia da Informação em 2013 pela FATENE, atualmente é mestrando em Desenvolvimento em Meio Ambiente - PRODEMA (UFC), nos fala:

Africanos, não só da Bissau, tem histórico de migrar para Europa. Após a independência dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), alguns ex-combatentes de luta pela libertação receberam bolsas de estudo para estudar fora. Mesmo enfrentando uma realidade bem diferente daquela deixada em África, nós temos, de certa forma, facilidade de nos relacionarmos com outras culturas. Falamos mais de um idioma. Pode acontecer de não ocorrer a adaptação, como ocorreu com meu colega que foi para Rússia. No meu caso, eu estudava quando surgiu a oportunidade de vir para ao Brasil estudar. Eu conversei com minha família e decidi concorrer à vaga. Na altura, recebi ajuda dos meus familiares que moram fora do país. Diante dos cálculos apresentados pela Universidade era possível custear as despesas apresentadas pela instituição. Aqui, a realidade foi outra, totalmente diferente das nossas possibilidades. (Estudante 01).

O incentivo da família, devido à propaganda das Faculdades privadas, teve um peso na trajetória dos estudantes guineenses e nas escolhas do curso: Enfermagem, Serviço Social ou Tecnologia da Informação. A promessa enganosa, como descreveu um entrevistado, deixa os estudantes em condições de vulnerabilidade perante os empresários cearenses.

De acordo com o estudante entrevistado:

Eu fiz o processo seletivo bem depois por incentivo da minha família; a propaganda do panfleto com o estudante guineense sendo o garoto propaganda ao lado da possível casa do estudante, que na realidade era um condomínio particular que não tinha nada a ver com as faculdades, era simplesmente o local onde o estudante da propaganda morava. Fizeram o seguinte marketing que tinha um local onde os estudantes moravam, com alimentação, com transporte para a faculdade por um valor bem acessível para muitas famílias, pois é comum nós recebermos incentivo dos nossos familiares da Europa, a moeda é bem superior ao CFA, e câmbio feito em dólar também é superior ao real, a moeda do Brasil. Tem colegas que ainda tem esse

panfleto, mas não era nada disso, quando chegaram aqui não tinha ninguém esperando os estudantes, não tinham onde morar, o custo de vida era alto, foram até a faculdade, a faculdade disse não se responsabilizava por estadia de ninguém, não tinha nada do que falaram e do que se precisa na faculdade particular é pago e é caro. Não escolhemos o curso, é se tiver vaga num determinado curso, então você preenche a vaga, esses cursos oferecidos são cursos tecnólogos. Processos Gerenciais, Tecnologia da Informação que com dois anos ou dois anos e meio você se forma, eu já faço quase quatro anos e ainda não consegui me formar, vou conseguir agora no meio do ano porque resolvi cursar mais disciplinas. Outro detalhe a faculdade não deu declaração para que o aluno pudesse mudar de Faculdade, foi como se o aluno fosse obrigado a estudar só naquela faculdade (Estudante 2).

Nas falas dos entrevistados, é possível perceber a decepção logo ao chegar ao “lugar de acolhimento”, constatando que o acordo firmado, do outro lado do atlântico, foi descumprido, sem saber que, o curso tecnólogo no Brasil, na maioria das faculdades privadas, dura, em média dois anos ou dois anos e meio. Se viram obrigados a cursar 4 anos o mesmo curso, pois as faculdades não liberaram a declaração para mudança do curso em outra instituição, o que fez com que alguns alunos migrassem para outras faculdades, conseqüentemente, esses alunos ficaram irregulares por não poder renovar seus vistos na Polícia Federal por falta de recursos. Por isso, muitos deles foram desvinculados da Faculdade.

Em outros casos, as Faculdades FATENE e EVOLUÇÃO, suspenderam a matrícula de estudantes vindos da Guiné-Bissau, devido à situação de inadimplência em que se encontravam. As implicações legais dessa decisão vão, desde a suspensão do visto dos estudantes, até o risco de deportação para seus países de origem. Isso porque, para conseguirem a renovação da permissão para permanência em situação regular no Brasil, que precisa ser feita anualmente, é necessário comprovar regularidade de matrícula, em algumas IES reconhecidas pelo Ministério da Educação brasileiro. Em caso de o estudante não se matricular por qualquer motivo em alguma IES, ou mudar de faculdade, o visto deixa de ser válido, segundo os entrevistados.

A partir do conhecimento e das práticas sociais presentes, nos modos de vida dos estudantes guineenses, expressos em múltiplas vozes, podemos apreender a diversidade histórica das interações entre as populações africanas. De acordo com Có (2011), as culturas humanas são dinâmicas, portanto, as concepções estão ligadas a processos de transformação e permanências culturais.

Subuhana (2009, p. 124) destaca: “migrar com finalidade de estudo em busca da transformação pessoal e familiar é processo do qual não se tem a medida e o domínio”.

Algumas dificuldades são superadas fora de casa, logo esse processo que coloca em movimento a condição de identidade. Contudo, o protagonismo, a autonomia, cidadania diante do sujeito como ser individual coletivo e político.

Como estratégias de sociabilidades e integração, foi fundado o Movimento Pastoral Africano, no Estado do Ceará é uma organização não governamental e sem fins lucrativos, que foi fundado no dia 12 de setembro de 2010, pelos jovens estudantes guineenses. O Movimento Pastoral Africano foi imprescindível no fortalecimento das relações e integração dos estudantes, na superação de algumas dificuldades, segundo os estudantes guineenses que chegaram em agosto de 2009. Os encontros acontecem na Igreja Nossa Senhora das Dores, localizada Praça Otávio Bonfim, no Bairro Farias Brito.

No campo educacional e cultural, os grupos como Movimento Pastoral Africano têm promovido ações de valorização à história e cultura africana, realizando encontros culturais e reivindicatórios na busca de uma melhor integração entre brasileiros, universidades públicas e privadas e africano-estudantes, no Estado do Ceará, essas ações e práticas que fortalecem os laços de amizade, fé e firmamentos da africanidade “fora de casa”.

CONCLUSÕES

A motivação para a realização desta pesquisa se deve a importância de se estudar o processo imigratório contemporâneo, em que os estudantes da Guiné-Bissau assumem um papel importante, especialmente, em Fortaleza. Assim, espera-se contribuir com o conhecimento sobre a temática no campo de ciências sociais e humanas, tanto no Brasil, quanto nos países parceiros e na Guiné-Bissau.

No entanto, a falta de conhecimento de diferentes culturas, a negação da diversidade étnica, o mito da democracia racial, numa sociedade historicamente marcada pela escravidão, acaba dificultando o processo de integração desses estudantes (GOMES, 2012, p.43). Soma-se a tudo isso, o fato de que alguns cearenses não aceitam a presença do negro em sua trajetória cultural, o que acaba dificultando a integração e o acolhimento desses estudantes.

O racismo enfrentado pelos estudantes, às vezes, possui peso menor, segundo alguns entrevistados, diante do sonho de se obter o grau de nível superior e poder voltar ao seu país de origem (ou dar prosseguimentos com a vida acadêmica no Brasil), para usar o conhecimento aqui construído, contribuindo com o desenvolvimento social,

educacional e econômico do Brasil e da Guiné-Bissau, possibilitando melhores condições para seu crescimento e dos seus familiares.

Os fluxos migratórios apresentam-se, em sua maioria, dentro do continente. No entanto, procurou-se, no cenário pesquisado, Brasil/Ceará, investigar como as experiências dos estudantes guineenses que saem da Guiné-Bissau tecem suas trajetórias de vida, na tomada de decisões ao sair do país de origem com apoio de seus familiares; onde enfrentam dificuldades de diferentes naturezas, desde a condição financeira, no firmamento do acordo de um membro da família em assumir as despesas do estudante, no que se refere ao afastamento do núcleo familiar desses estudantes que na sua maioria saem do interior da Guiné-Bissau.

Destaca-se na análise das entrevistas, na fala da maioria dos entrevistados, o enfrentamento à discriminação racial, sendo como um dos fatores que mais incomoda os estudantes, por serem observados ou apontados como não pertencentes a esse lugar de morada. No entanto, os estudantes se organizam nesse enfrentamento, unindo-se a órgãos governamentais e não governamentais; procuram morar perto um dos outros, dividindo o mesmo apartamento com outros estudantes, participação nas associações e grupos religiosos, como estratégias de adaptação e sociabilidades.

O ensejo da pesquisa não tem a intenção de solucionar as dificuldades enfrentadas pelo grupo pesquisado, mas de discuti-la e de tecer relações no sentido de enfrentá-las, respeitando as condições básicas dos estudantes imigrantes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre et alli. **A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. SP, UNESP, 2000. Os diários e suas margens. Brasília, UNB, 2002.

CÓ, J.P.P. Dissertação de Mestrado: **Filhos da Independência: etnografando os estudantes Bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza e Natal**. UFRN 2011

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**, 2012.

TCHAM, I. **Caminhos de Formação Acadêmica dos Estudantes Africanos no Mundo e no Brasil: Chegadas, estratégias de Permanência, Sociabilidades, Dilemas e Retornos Possíveis**. Gênero & História (UFPE), v. 09, p. 145-167, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MUNANGA, K. **Identidade étnica, poder e direitos humanos**. Thot África, São Paulo, n. 80, p. 19-30, 2004.

SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro**. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SUBUHANA, C. **A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 103-126, jan./abr. 2009.

RIBELO, Aldo. **Afinidades Brasil-África na Cultura, Esporte e Turismo**. In: **Brasil África Colóquio sobre as Relações**. Brasília: Instituto Rio Branco, 2002

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.